



A Companhia de Eletricidade de Brasília completou, em dezembro do ano passado, dez anos de existência.

Com um desempenho empresarial dos mais expressivos a CEB conse...

Trata-se de um trabalho ordenado, realizado através de uma longa e penosa caminhada, com a participação solidária de seus dirigentes, seus técnicos e seu corpo de servidores, inscrevendo-se entre as empresas pioneiras de Brasília e do Brasil.

Suas origens modestas, vindas de um simples departamento de Companhia Urbanizadora da Nova Capital, em sua versão primitiva urbanizadora para construir Brasília, estabelece uma ligação histórica com o crescimento da Capital Federal, desde os seus primeiros dias, de Brasília.

A riqueza dos fatos que marcaram a epopeia da construção da Nova Capital, a presença de tantas figuras humanas ao longo dos últimos 20 anos e a própria evolução da empresa, hoje uma das mais importantes do país, sensibilizaram os seus dirigentes de então para uma iniciativa que marcasse no espaço e no tempo essa posição de notoriedade conquistada por uma empresa genuinamente de Brasília.

Nesse sentido foi projetada uma publicação que fosse o espelho da realidade, refletindo-se no seu plano editorial uma visão objetiva, impessoal e isenta de todos os fatos, de encadeamento, o somatório de inteligências e de vontades, de abnegação e de desprendimento que resultaram na consolidação definitiva da empresa.

"CEB - Ano 10" reúne em 7 capítulos depoimentos, avaliações e amos ragen de tudo aquilo que de importante ocorreu na empresa, na síntese admirável do quanto podem os homens, de mãos dadas, voltados para um objetivo comum, sob lideranças firmes e acreditando naquilo que estão construindo.

O trabalho se abre com uma apresentação do Eng.º Aloysio Faria de Carvalho, sob um título geral de "A busca de apresentação", com um sumário geral da vida da empresa, desde os seus primórdios do DFL até os dias atuais, bem como um resumo sobre os demais capítulos.

A seguir, vem o capítulo sobre a "Evolução dos Serviços de Eletricidade de Brasília", desenvolvendo-se ao longo de 18 páginas uma completa avaliação sobre o assunto.

O capítulo seguinte apresenta "os números dos 10 anos da CEB", onde o leitor se surpreende com os valores que afloram e com a realidade que exprime em termos de crescimento e de substância dos serviços prestados pela CEB.

"O homem - fator essencial" é um capítulo de estrutura especial, onde é retratada a participação da força de trabalho na construção da empresa, num registro de rara sensibilidade, evidenciando a validade e a precência da intervenção humana nos meios e nos fins de quaisquer atividades e o sentido social que elas devem ter como aspiração maior.

As páginas que se seguem registram dois depoimentos pessoais de autoria de Armando José do Valle e de José Paulo Vianna. "Era uma vez", do primeiro deles, retrata momentos decisivos da vida da CEB, desenvolvendo, num estilo leve e descontraído, uma visão histórica onde se misturam fatos e personagens que fizeram a vida da CEB. "As primeiras luzes", de autoria do segundo, registra com vigor os primeiros instantes vividos pelos pioneiros que aqui chegaram para começar a partir do nada.

Entretanto, paralelamente à adoção de providências para o equacionamento da produção e do suprimento de energia elétrica à nova Capital após sua inauguração, outras medidas deveriam ser tomadas pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil — NOB — para a instalação de fontes de energia elétrica necessárias às atividades administrativas desenvolvidas no gigantesco centro de obras.

Assim sendo, já nos primeiros dias de 1967, a Companhia de Eletricidade de Brasília, em parceria com a Companhia Hidráulica de Origem Hidráulica de 1967, instalou a primeira usina, no território do futuro Distrito Federal, pela usina pioneira do Catequimbó, de 10 MW, instalada em pequeno afluente do Rio São João.

Em 19 de dezembro de 1966, a NOVACAP aprovou a aquisição de dois motores diesel elétricos de 90 KVA cada e aprovou a concorrência pública para a construção da Usina-Piloto de Saia Velha, aproveitando uma queda de 60 m existente no afluente do mesmo nome.

Outra pequena usina hidrelétrica foi inaugurada no dia seguinte, com potência de 25 HP, instalada a abastecer a Granja do Ipê, onde se localizava a residência oficial do Presidente da NOVACAP.

Por outro lado, a criação do Lago Paranoá em 1967, a elaboração do projeto da Usina IH Hidroelétrica do Paranoá, concluído e entregue à NOVACAP em fevereiro de 1968, iniciando-se, logo em seguida, as obras de construção civil.

Evolução dos serviços de eletricidade de Brasília

O suprimento de energia elétrica foi um dos primeiros problemas que os responsáveis pela concepção da nova Capital da República enfrentaram desde o início de suas atividades no Plano Piloto Central em 1956.

A região não contava com qualquer fonte de geração de energia elétrica em 1966, e o aproveitamento da energia local, em caráter definitivo, não era uma alternativa viável. A alternativa existente seria o aproveitamento da energia elétrica da Usina Hidrelétrica de Cachoeira Dourada, da Central Elétrica de Minas Gerais (A-CELG) no Rio Paranaíba, distante quase 400 km de Brasília, cuja construção foi acelerada durante a vigência do planejamento da nova Capital.

Entretanto, paralelamente à adoção de providências para o equacionamento da produção e do suprimento de energia elétrica à nova Capital após sua inauguração, outras medidas deveriam ser tomadas pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil — NOB — para a instalação de fontes de energia elétrica necessárias às atividades administrativas desenvolvidas no gigantesco centro de obras.

Assim sendo, já nos primeiros dias de 1967, a Companhia de Eletricidade de Brasília, em parceria com a Companhia Hidráulica de Origem Hidráulica de 1967, instalou a primeira usina, no território do futuro Distrito Federal, pela usina pioneira do Catequimbó, de 10 MW, instalada em pequeno afluente do Rio São João.

Em 19 de dezembro de 1966, a NOVACAP aprovou a aquisição de dois motores diesel elétricos de 90 KVA cada e aprovou a concorrência pública para a construção da Usina-Piloto de Saia Velha, aproveitando uma queda de 60 m existente no afluente do mesmo nome.

Outra pequena usina hidrelétrica foi inaugurada no dia seguinte, com potência de 25 HP, instalada a abastecer a Granja do Ipê, onde se localizava a residência oficial do Presidente da NOVACAP.

Por outro lado, a criação do Lago Paranoá em 1967, a elaboração do projeto da Usina IH Hidroelétrica do Paranoá, concluído e entregue à NOVACAP em fevereiro de 1968, iniciando-se, logo em seguida, as obras de construção civil.

O homem, fator fundamental

O homem não é mero instrumento de produção, mas a essência mesma da organização, que, sem ele, não poderá subsistir nem prosperar.

Segundo a melhor doutrina, esse coeficiente de vitalidade é produto de três fatores, quais sejam:

- seu próprio valor;
- o conhecimento que possui da estrutura da empresa;
- sua motivação para fazê-la funcionar da melhor maneira possível.

Por isso mesmo, a administração da CEB sempre considerou o elemento humano como o componente fundamental para o desenvolvimento correto do sistema empresarial e o responsável direto pelos êxitos que a Companhia vem alcançando.

Cumpre assinalar que a CEB deveria transformar-se em modelo no setor de distribuição de energia elétrica. Considerada a especialização necessária à operação dos complexos equipamentos que integram seu sistema elétrico, a capacidade de trabalho do pessoal foi preocupação constante da Companhia desde seu início.

Outro problema sério, criando situação anômala a exigir correção, decorria de se acharem abrangidos, no mesmo quadro de pessoal, funcionários públicos e empregados regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho.

Além disso, era grave a situação salarial. A retribuição paga pela empresa era completamente inadequada em relação ao mercado do setor de energia elétrica, por várias razões, que se constituíram em verdadeira colcha de retalhos; assim, existiam, além dos salários, vencimentos, cargos em comissão, funções gratificadas, adicional de tempo de serviço, gratificação por tempo integral, gratificação sobre salário mínimo, horas-extras e salário-família.

Toda essa situação fez com que, em 1971, fosse contratada, pela CEB, firma especializada, a fim de desenvolver os estudos necessários à implantação do seu Plano de Cargos e Salários, im-

Depoimentos pessoais

ERA UMA VEZ...
Armando José do Valle

Eu uma vez...
Armando José do Valle

Eu uma vez...
Armando José do Valle

Fazer cidade é coisa complicada: tem que ter casa, tem que ter rua, tem que ter água, tem que ter luz...
Armando José do Valle

Al é que começa a nossa pequena história, na história geral de Brasília.

A cidade era, já pelos tempos da mil novecentos e cinquenta e tantos, um cantinho de obra.

Cantinho de obras gigantesco, onde poeira, máquinas, gente importante, curiosos, candangos, chuva, lama, mosquito, tudo se misturava.

Eu alguma coisa sem forma definida.

Nem tudo imaginado estava ainda na papelada dos arquitetos.

No começo, o que funcionava mesmo eram lampião e vela, além de tradições históricas na vida interior das casas.

Não me da papalada, havia papéis administrativos. E, num deles, existia um quadradinho, vazio, onde se escrevia, acessivamente, duas coisas importantes de verdade: DRETE (Divisão de Redes Elétricas e Telefônicas) e DFL (Departamento de Força e Luz).

Essas siglas mágicas que, acompanhando a transformação do cantinho de obras em cidade, vieram a dar origem, em dezembro de mil novecentos e sessenta e oito, à CEB, empresa que agora, com dez anos de existência, se convenceu, com orgulho, de que, apesar de vinda por velharia, ascendeu definitivamente às luzes do Planalto.

O VISTO E O PARTICIPADO...
Paulo Mello

Era dezembro de 1968, último ano de minha presença à frente da Administração de Casambu, quando fui ao Rio de Janeiro convidar o Presidente Juscelino Kubitschek para inaugurar a pavimentação de Curitiba-PR-58, que liga as estações de Usina Hidrelétrica de Minas com a rodovia Presidente Dutra.

LA chegando, fui informado pelo Deputado Fernando Campos de que o Presidente somente poderia receber-me no dia seguinte.

Vagabundando pela cidade maravilhosa, aproveitei para visitar a exposição dos projetos, propostos por diversos arquitetos, para a construção de Brasília.

O de Lúcio Costa já era o vencedor.

No dia 4 de março de 1958, cheguei ao Planalto Central para o encontro marcado com o Sr. José Paulo Vianna — Eng.º, chefe da Divisão de Redes Elétricas e Telefônicas — DRET, que, ausente de Brasília, somente aqui chegou no dia 8.

Novembro de 1959 foi mês importante. Criou-se o Departamento de Força e Luz — DFL, assumindo sua chefia o Afrânio Barbosa da Silva, engenheiro competente local para trabalhar: uma sala no barracão da VELHA CAP — e sala privilegiada, pois tinha até instalação sanitária privada.

Carta do Prof. Lúcio Costa

Oscar, peço-lhe tomar conhecimento destas recomendações e encaminhá-las, caso esteja de acordo e as aprove, ao Afrânio.

Obrigado, Lúcio.

Afrânio:

Deixei rastrear-lhe, por intermédio do Oscar, o partido geral adotado na iluminação urbana de Brasília, bem como o critério que o determinou, pois não estão levados na devida consideração. Aliás, os planos que servem de base à execução dos serviços são desconsiderados, o que veio daí não corresponde ao da GE, que não pouco obedecimento ao que se havia combinado.

A iluminação da cidade não deve ser de intensidade uniforme, e sim desigual conforme a importância e o caráter peculiar do logradouro. A intensidade igual de todo o espaço urbano.

Comprearei pela parte que está sendo atacada e portanto urgente.

- 1 - A pista central do eixo rodoviário — residencial não será arborizada e terá iluminação contínua, alternada, de ambos os lados, para que se defina como parte essencial que o caracteriza.
- 2 - Nas partes laterais destinadas ao tráfego local do mesmo eixo, os trechos mortos entre os acessos de saída ou de entrada de veículos (composta de superquadras), terão iluminação apenas do lado das quadras, portanto a iluminação de ambos os lados apenas nas entradas das super-quadras que poderão ser assim identificadas de longe à noite. Durante o dia o serão pela arborização prevista para o local.
- 3 - As curvas em rampa para o acesso às quadras não devem ter postamento no eixo rodoviário, figura na planta, ficando a altura de postes e iluminação em atendimento às curvas de mão única e conjunto do ano é suficientemente iluminado. Se a experiência futura o exigir deverá-se recorrer a iluminação baixa de simples balizamento.
- 4 - Nos eixos de acesso entre-quadras os postes devem ser menores e a iluminação menos intensa, uma vez que competem pela iluminação das vias das próprias lojas e respectivos interiores luminosos.
- 5 - Nas praças centrais de planície, bloqueando a visada, os postes não podem ser de mais altura.
- 6 - No interior das super-quadras o critério é garantir atmosfera recoberta e íntima; a iluminação deve ser discreta, com postes baixos e luminárias opacas de lado dos edifícios a fim de não ofuscá-los, e deverá ser desigual, com áreas de iluminação amotejada próprias ao colóquio e ao namoro casório.
- 7 - A via de comércio W3 não deve ser intensamente iluminada como está projectado. Trata-se de via secundária. A importância indevida que lhe vem sendo atribuída é lamentável; decorre apenas de incompreensão pela circunstância de ser a primeira área aprovada para fins comerciais. A iluminação dela deverá ser estabelecida em função da cidade já pronta, obedecendo, portanto, a determinada hierarquia. Os postes deverão ser menores e a iluminação deverá contar muito menos que a do eixo rodoviário, tanto mais que será intensificada — como no caso do comércio local das entre-quadras — pela dos letreiros e vitrines.
- 8 - Nas praças de mão única na esplanada dos ministérios, a iluminação postposta de um lado apenas, isto é, do lado da faixa central gramada, do lado oposto dos edifícios, não deve ser iluminada por projetores dispostos de costas para a direção do tráfego, iluminação baseada em sentido decrescente de batto para cima, os painéis luminosos das próprias edificações serão iluminados na proporção devida a fim de assegurar o efeito geral desejado.
- 9 - Na praça dos SP, prevalecerá critério dramático, deliberadamente teatral. Para tanto não haverá postamento. O procurado efeito será obtido recorrendo-se à iluminação dos próprios edifícios com projetores (flood-light) e do aspeiro de água, bem como à iluminação parcial interna do anexo. Futuramente o fórum de painéis imperiais também deverá ser iluminado com projetores. A sensação será de suspense e serena grandiosidade.
- 10 - Dentro de alguns anos, o ponto mais intensamente iluminado da cidade será a planície do setor social e de diversões, no cruzamento dos eixos monumental e rodoviário — residencial, devido aos extensos parcos destinados à recreação e anúncios e propaganda luminosa.

Um abraço. Conto com o seu interesse e compreensão

LUCIO COSTA

19/III/69

Oscar Niemeyer, o arquiteto e Lúcio Costa, o urbanista

Depoimentos pessoais

ERA UMA VEZ...
Armando José do Valle

Eu uma vez...
Armando José do Valle

Eu uma vez...
Armando José do Valle

Fazer cidade é coisa complicada: tem que ter casa, tem que ter rua, tem que ter água, tem que ter luz...
Armando José do Valle

Al é que começa a nossa pequena história, na história geral de Brasília.

A cidade era, já pelos tempos da mil novecentos e cinquenta e tantos, um cantinho de obra.

Cantinho de obras gigantesco, onde poeira, máquinas, gente importante, curiosos, candangos, chuva, lama, mosquito, tudo se misturava.

Eu alguma coisa sem forma definida.

Nem tudo imaginado estava ainda na papelada dos arquitetos.

No começo, o que funcionava mesmo eram lampião e vela, além de tradições históricas na vida interior das casas.

Não me da papalada, havia papéis administrativos. E, num deles, existia um quadradinho, vazio, onde se escrevia, acessivamente, duas coisas importantes de verdade: DRETE (Divisão de Redes Elétricas e Telefônicas) e DFL (Departamento de Força e Luz).

Essas siglas mágicas que, acompanhando a transformação do cantinho de obras em cidade, vieram a dar origem, em dezembro de mil novecentos e sessenta e oito, à CEB, empresa que agora, com dez anos de existência, se convenceu, com orgulho, de que, apesar de vinda por velharia, ascendeu definitivamente às luzes do Planalto.

O VISTO E O PARTICIPADO...
Paulo Mello

Era dezembro de 1968, último ano de minha presença à frente da Administração de Casambu, quando fui ao Rio de Janeiro convidar o Presidente Juscelino Kubitschek para inaugurar a pavimentação de Curitiba-PR-58, que liga as estações de Usina Hidrelétrica de Minas com a rodovia Presidente Dutra.

LA chegando, fui informado pelo Deputado Fernando Campos de que o Presidente somente poderia receber-me no dia seguinte.

Vagabundando pela cidade maravilhosa, aproveitei para visitar a exposição dos projetos, propostos por diversos arquitetos, para a construção de Brasília.

O de Lúcio Costa já era o vencedor.

No dia 4 de março de 1958, cheguei ao Planalto Central para o encontro marcado com o Sr. José Paulo Vianna — Eng.º, chefe da Divisão de Redes Elétricas e Telefônicas — DRET, que, ausente de Brasília, somente aqui chegou no dia 8.

Novembro de 1959 foi mês importante. Criou-se o Departamento de Força e Luz — DFL, assumindo sua chefia o Afrânio Barbosa da Silva, engenheiro competente local para trabalhar: uma sala no barracão da VELHA CAP — e sala privilegiada, pois tinha até instalação sanitária privada.

Depoimentos pessoais

ERA UMA VEZ...
Armando José do Valle

Eu uma vez...
Armando José do Valle

Eu uma vez...
Armando José do Valle

Fazer cidade é coisa complicada: tem que ter casa, tem que ter rua, tem que ter água, tem que ter luz...
Armando José do Valle

Al é que começa a nossa pequena história, na história geral de Brasília.

A cidade era, já pelos tempos da mil novecentos e cinquenta e tantos, um cantinho de obra.

Cantinho de obras gigantesco, onde poeira, máquinas, gente importante, curiosos, candangos, chuva, lama, mosquito, tudo se misturava.

Eu alguma coisa sem forma definida.

Nem tudo imaginado estava ainda na papelada dos arquitetos.

No começo, o que funcionava mesmo eram lampião e vela, além de tradições históricas na vida interior das casas.

Não me da papalada, havia papéis administrativos. E, num deles, existia um quadradinho, vazio, onde se escrevia, acessivamente, duas coisas importantes de verdade: DRETE (Divisão de Redes Elétricas e Telefônicas) e DFL (Departamento de Força e Luz).

Essas siglas mágicas que, acompanhando a transformação do cantinho de obras em cidade, vieram a dar origem, em dezembro de mil novecentos e sessenta e oito, à CEB, empresa que agora, com dez anos de existência, se convenceu, com orgulho, de que, apesar de vinda por velharia, ascendeu definitivamente às luzes do Planalto.

O VISTO E O PARTICIPADO...
Paulo Mello

Era dezembro de 1968, último ano de minha presença à frente da Administração de Casambu, quando fui ao Rio de Janeiro convidar o Presidente Juscelino Kubitschek para inaugurar a pavimentação de Curitiba-PR-58, que liga as estações de Usina Hidrelétrica de Minas com a rodovia Presidente Dutra.

LA chegando, fui informado pelo Deputado Fernando Campos de que o Presidente somente poderia receber-me no dia seguinte.

Vagabundando pela cidade maravilhosa, aproveitei para visitar a exposição dos projetos, propostos por diversos arquitetos, para a construção de Brasília.

O de Lúcio Costa já era o vencedor.

No dia 4 de março de 1958, cheguei ao Planalto Central para o encontro marcado com o Sr. José Paulo Vianna — Eng.º, chefe da Divisão de Redes Elétricas e Telefônicas — DRET, que, ausente de Brasília, somente aqui chegou no dia 8.

Novembro de 1959 foi mês importante. Criou-se o Departamento de Força e Luz — DFL, assumindo sua chefia o Afrânio Barbosa da Silva, engenheiro competente local para trabalhar: uma sala no barracão da VELHA CAP — e sala privilegiada, pois tinha até instalação sanitária privada.